

Responsável pelo começo da humanização da cidade, o engenheiro Plínio Cantanhede teve o privilégio de administrar Brasília nos idos de 1964 a 1967. Por sua obra recebeu da cidade o carinhoso apelido de "Prefeito Jardineiro". Plínio sentiu os problemas da nova Capital e transformou o canteiro de obras, impregnado pela poeira vermelha do progresso, num formoso jardim, colocando vida onde antes apenas existia a frieza do mármore.

A ocupação do monumental pelo Prefeito Jardineiro

Com a Revolução de Março de 1964, Brasília ganhou efetivamente sua primeira Administração com tempo para realizar uma ação de governo. Após uma curta intervenção de 30 dias na Prefeitura de então, a cargo do Tenente Coronel Ivan de Souza Mendes, hoje General de Divisão, já em maio o Presidente Castello Branco submetia ao Senado Federal o nome do Engenheiro Plínio Cantanhede que, aprovado, era nomeado Prefeito.

Administrador nato, Plínio Cantanhede rapidamente compôs sua equipe de Governo, integrada por homens experientes e, sobretudo, sintonizados com os novos tempos que o País passava a viver.

Voltado por inteiro ao novo desafio que a Nação lhe impunha, Cantanhede ofereceu a Brasília todo o acervo de uma carreira pública que atingira postos de relevo já na década de 30. Precisamente em 1937, quando o Presidente Getúlio Vargas incumbira o moço Plínio, com apenas 27 anos de idade, de organizar as bases do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários. Tão bem o fez que se tornou o primeiro Presidente do ex- IAPI, por oito anos, até 1945. Daí em diante, sua carreira foi uma sucessão de cargos importantes, aos quais sempre deu muito de si e de seu talento. Conselho Nacional de Petróleo, Cosipa, Subsecretário de Viação e Obras Públicas no Parlamentarismo, Administrador do Porto do Rio de Janeiro etc.

De pronto, porém o Prefeito Plínio Cantanhede compreendeu que, à frente do Distrito Federal, lhe cabia, antes de mais nada, preocupar-se com a estruturação administrativa desta unidade da Federação. Mas teve discernimento por igual para ver que simultaneamente não podia deixar de acionar várias obras indispensáveis para a Capital. Assim foi que, numa ação abrangente para todo o território do Distrito Federal, cem obras eram desenvolvidas e concluídas nos primeiros cem dias de administração. Especialmente obras de infra-estrutura, de iluminação pública, de comunicações e de conclusão de alguns próprios governamentais.

Nesse meio tempo, com sua assistência pessoal, concluiu-se o trabalho de elaboração de seu Programa de Governo, estabelecendo, entre outras medidas inovadoras, a adoção do Orçamento Programa; fazia assim, Brasília cumprir sua vocação pioneira, ao adiantar-se à própria União.

É hora, então, do Prefeito Plínio Cantanhede convocar sua equipe para tornar realidade a tão necessária estruturação administrativa do Distrito Federal. Isso fez com que muito se falasse, na época, sobre a Reforma administrativa do DF, certamente numa utilização indevida do termo usado na esfera do Executivo Federal, impróprio,

porém, para Brasília. O caso, aqui, era de estruturação mesmo. Como reformar o que não existia?

De tal sorte se conduziu a equipe Cantanhede que em pouco tempo o trabalho já estava no congresso Nacional, possibilitando ao Presidente da República, ainda em 1964, no último mês do ano, sancionar a Lei nº. 4.545.

De posse desse importante instrumento de trabalho, Plínio Cantanhede implantou rapidamente uma sólida máquina administrativa, apoiado na qual pode atirar-se com todas as suas energias à tarefa de governar dentro das concepções modernas da descentralização. Numa ação em leque, nenhum setor deixou de receber os impulsos dinâmicos dos comandos que passaram a atuar sobre o aparelho administrativo do DF.

Brasília conveteu-se, novamente, em imenso canteiro de obras, a lembrar aos candangos já saudosos a batalha contra o tempo dos dias febricitantes da construção da cidade.

Era o consagrado "ritmo de Brasília" que ressurgia.

No campo educacional Plínio Cantanhede fez multiplicações incriveis: no número de escolas, no número de alunos e no número de professores. Estes, crescendo também em qualidade, através de concursos para admissão.

Via o brasileiro aumentar o número de postos, de Saúde, de hospitais. Num abrir e fechar de olhos apareceu o moderno Hospital da L2, onde a maternidade até hoje encontra um atendimento especializado. Uma escola de auxiliares de enfermagem, anexa ao pioneiro e heróico 1º. HDB, que durante tempos fora o único, teve sua construção acelerada e, em pouco, podia receber as primeiras turmas que iriam formar a verdadeira retaguarda do zelo hospitalar.

Para se ter uma idéia do trabalho que se empreendia, vale reproduzir as palavras do Presidente Castello Branco, a 21 de abril de 1965, quando do quinto aniversário da Nova Capital: "Na qualidade de Presidente da República e de habitante de Brasília manifesto toda a confiança em que esta Cidade comemorará os seus aniversários em ritmo de crescimento e de consolidação a fim de que o Brasil possa ter uma Capital à altura da sua grandeza".

E não se pode esquecer o papel da Revolução no que toca a Brasília. Sem qualquer compromisso com o novo Distrito Federal, quando forças poderosas tinham interesses subalternos a defender, pelos quais se lançava na luta retornista, no sentido do fracasso da obra que mobilizara todo um povo, despertando admiração e aplausos mundiais, consubstanciados talvez na frase de Malraux - Cidade da Esperança -, o Governo revolucionário de Castello, como mais tarde os que o sucederam, apoiou decisiva-

mente Brasília, assegurou os recursos indispensáveis à retomada de obras de fôlego que não podiam nem deviam ser adiadas por mais tempo.

No sistema viário, houve uma arrancada, com a construção do conjunto de viadutos ligando as duas asas da Cidade, Norte e Sul, pela L-2. As ligações Leste-Oeste também foram facilitadas, com a abertura de mais três passagens de nível sob o Eixo Rodoviário. Até na zona rural do DF surgiam novas estradas, muitas já recebendo pavimentação.

Enquanto isso, realizava-se o primeiro Censo Escolar do DF, através do qual se apurava a população brasileira: 268.315 habitantes. Só sete anos eram 64.004.

Mas Plínio Cantanhede compreendia o seu compromisso com essa geração do amanhã (hoje adultos em grande parte), dizendo:

"Como estuário da fé e da esperança do Brasil, esta cidade, leve e tranqüila, sintetiza a realização do esforço que vem de longa data, de uma política necessária de integração da nacionalidade. A sua consolidação é do interesse do Poder Público. A Nação quer vê-la realizada. No cumprimento dessa história finalizada, hoje determinação firme do Governo, para aqui viemos e estamos todos, na PDF, na Novacap e nos demais órgãos do conjunto administrativo do Distrito Federal, vivendo momento de trabalho na consolidação de Brasília, construída para a eternidade".

Obras federais do mesmo modo se adiantavam ou chegavam ao fim; hangar da FAB, Hospital das Forças Armadas, Anexo do Congresso, Palácio do Itamarati, edifícios administrativos dos então institutos de previdência, novas superquadras.

Na Asa Norte atacava-se a construção de nova Estação de Tratamento de Esgotos, enquanto na Asa Sul Brasília recebia, pioneiramente, uma usina de lixo. Não se tratava apenas de manter a cidade limpa, atendendo a normas básicas de saúde pública, mas de dar também destinação adequada aos detritos, pela industrialização do lixo.

No plano de integração de Brasília como Capital da República, às Cidades Satélites cabia, igualmente, função importante. Por isso a Administração Plínio Cantanhede desenvolveu um "rush" de trabalho inédito: em 100 dias levantou em Taguatinga 1.008 residências populares, na primeira arremetida do Sistema Financeiro da Habitação.

No mesmo nível de importância, olhava-se o problema do abastecimento, com grande apoio ao "cinturão verde" de Brasília. Além das estradas, aprontava-se em Brasília uma Usina de Leite, destinada a industrializar a grande produção da bacia leiteira da região.

Não se esquecia o Setor de Indústria e Abastecimento, onde



se realizava uma série de obras de infra-estrutura, paralelamente a medidas de regularização de lotes, de construção de meios-fios etc.

Com essa ação de Governo numa abrangência de 360 graus, que exigia do Administrador 24 horas de seu dia, ainda assim Plínio Cantanhede tinha sua atenção voltada para um aspecto fundamental: o monumental precisava ser ocupado. Isto valia dizer que a cidade precisava humanizar-se, oferecer algo ao seu habitante, tão ressentido da falta de "esquinas".

Apesar de uma vida trepidante, com acontecimentos de realce como a visita do Presidente de Gaulle, da França, do Presidente Lübke, da Alemanha, do Presidente Leopold Senghor, do Senegal, com uma grande mocidade universitária, uma iniciativa privada na qual já se vislumbrava o que temos hoje em Brasília, a cidade precisava tornar-se mais amena.

Não bastava construir o Palácio do Itamarati, que para cá traria o mundo diplomático. Não.

Era preciso também um ato de amor. De amor pela cidade e pelo seu povo.

Em pleno Eixo Monumental, havia um esqueleto de concreto, a base da futura Torre de TV. Plínio fez erguer a torre. Logo à frente, ele construiu a Fonte Luminosa e Sonora, que durante muito tempo foi o ponto ideal para levar a família, para namorar.

As superquadras, ele levou total urbanização. E até iluminação pública, respeitando, nesta, a poesia de Lúcio Costa: uma iluminação que varasse a obscuridade mas que ao mesmo tempo permitisse aos casais enamorados um passeio de mãos dadas.

Nunca Brasília viu tanto verde.

Do atual Palácio do Buriti (que Plínio se recusava a construir, dizendo: "Só o farei quando Brasília não tiver uma só criança sem escola") até o Trevo do Presidente, tudo se transformou num imenso jardim. Ao longo de todo o Eixo Rodoviário era um verde só.

A resposta da terra aos homens que vieram trazer civilização para o Planalto foi generosa, prodigalizando verde em todas as nuances, onde quer que se plantasse uma semente nova, de uma espécie diferente daquelas que há milênios tinham se ajustado aos padrões do solo e natureza locais.

Como tudo chega ao fim, também soava a hora final do Governo Castello Branco. E um dia, quase à hora do almoço, sem qualquer aviso, o Presidente da República, discretamente, acompanhado apenas de dois ou três assessores, aparece de repente do Gabinete do Prefeito. É para cumprimentar Plínio Cantanhede.

O Prefeito Jardineiro.

